

FERNANDO PESSOA

POEMAS ESOTÉRICOS

edição

Fernando Cabral Martins

Richard Zenith

ASSÍRIO & ALVIM

Esta seleção dos poemas ortónimos de temática esotérica assenta numa definição de esoterismo como gnose da realidade última e conhecimento direto do oculto, incluindo poemas que referem as tradições templária e rosacruziana.

Muitas antologias diferentes seriam possíveis, pela boa razão de que as temáticas da irrealidade, da alma e do mistério estão sempre muito presentes e de que o próprio esoterismo não é bem uma religião com um cânone definido, é mais uma sensibilidade mística orientalizante, típica de finais do século XIX e do Simbolismo, que é a principal referência da poesia ortónima. No entanto, pode dizer-se que é nos últimos anos de escrita de Fernando Pessoa que a atenção ao oculto se acentua. O que se traduz no facto de mais de metade dos poemas incluídos nesta antologia serem datados do período de 1930 a 1935.

O interesse de Fernando Pessoa pelas ciências do oculto é antigo e pode encontrar-se já nos poemas de Alexander Search, mas intensifica-se em 1915, segundo carta a Mário de Sá-Carneiro de 6 de dezembro: «Tive de traduzir livros teosóficos. Eu nada, absolutamente nada, conhecia do assunto. Agora, como é natural, conheço a essência do sistema. Abalou-me a um ponto que eu julgaria hoje impossível, tratando-se de qualquer sistema religioso. O carácter

extraordinariamente vasto desta religião-filosofia; a noção de força, de domínio, de conhecimento *superior* e extra-humano que ressumam as obras teosóficas, perturbaram-me muito. Cousa idêntica me acontecera há muito tempo com a leitura de um livro inglês sobre *Os Ritos e os Mistérios dos Rosa-Cruz. A possibilidade de que ali, na Teosofia, esteja a verdade real me “hante”.*»

E continua, desta vez numa carta à Tia Anica de 24 de junho de 1916, por altura de algum entusiasmo espírita e de uma prática fugaz de comunicações mediúnicas, que depois de 1918 quase não ocorrem: «Aí por fins de Março (se não me engano) comecei a ser médium. Imagine! Eu, que (como deve recordar-se) era um elemento atrasador nas sessões semiespíritas que fazíamos, comecei, de repente, com a escrita automática. [...] Não para aqui a minha mediunidade. Descobri uma outra espécie de qualidade mediúnica, que até aqui eu não só nunca sentira, mas que, por assim dizer, só sentia negativamente. Quando o Sá-Carneiro atravessava em Paris a grande crise mental, que o havia de levar ao suicídio, *eu senti a crise aqui*, caiu sobre mim uma súbita *depressão vinda do exterior*, que eu, ao momento, não conseguí explicar-me. Esta forma de sensibilidade não tem tido continuação. [...] Perguntará a Tia Anica em que é que isto me perturba, e em que é que estes fenómenos — aliás ainda tão rudimentares — me incomodam? Não é o susto. Há mais curiosidade do que susto, ainda que haja às vezes cousas que metem um certo respeito, como quando, várias vezes, olhando para o espelho, a minha cara desaparece e me

NOVA ILUSÃO

No rarear dos deuses e dos mitos,
Deuses antigos, vós ressuscitais
Sob a forma longínqua de ideais
Aos enganados olhos sempre aflitos.

Do que vós concebeis mais circunscritos
Desdenhais a alma exterior dos ritos
E o sentimento que os gerou guardais.

Só para além dos seres, ao profundo
Meditar, surge, grande e impotente,
O sentimento da ilusão do mundo.

Os falsos ideais do Aparente
Não o atingem — único fanal
Neste entenebrececer universal.

6-11-1909

A montanha por achar
Há de ter, quando a encontrar,
Um templo aberto na pedra
Da encosta onde nada medra.

O santuário que tiver,
Quando o encontrar, há de ser
Na montanha procurada
E na gruta ali achada.

A verdade, se ela existe,
Ver-se-á que só consiste
Na procura da verdade,
Porque a vida é só metade.

21-9-1934